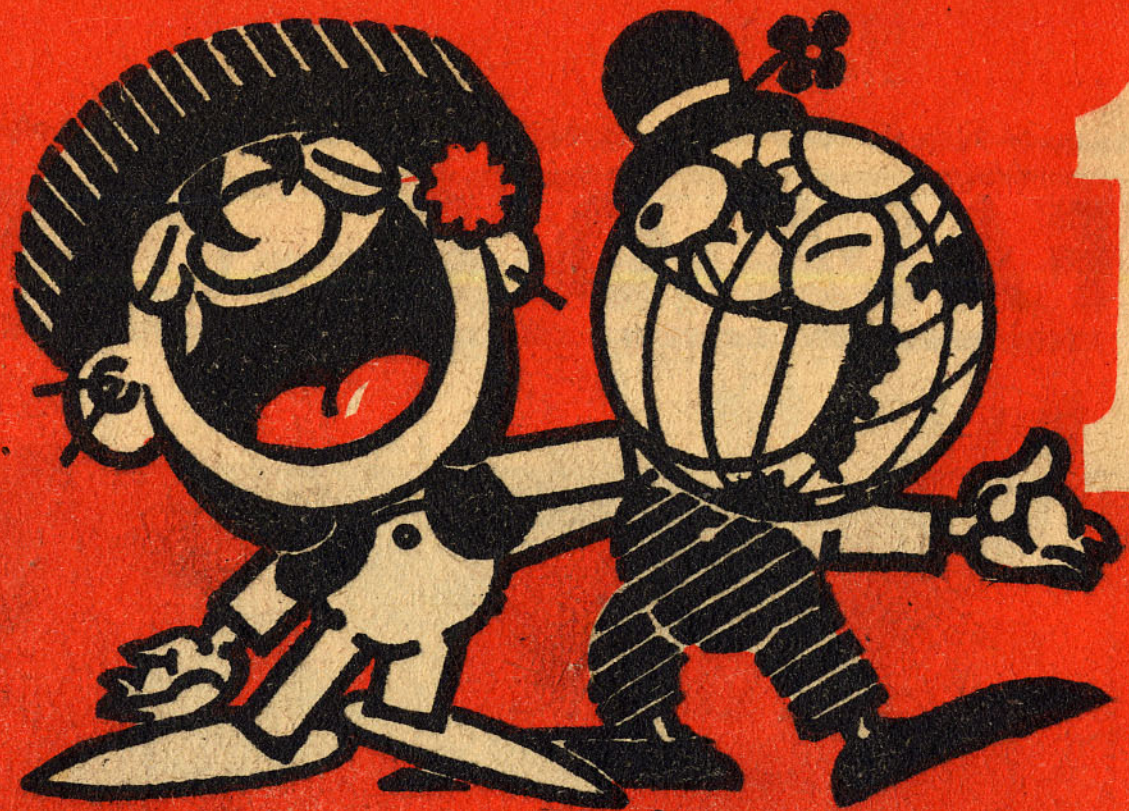


# Diário MUNDIAL



Director (Interino) e Proprietário:  
JERÓNIMO PITEUS DE SOUSA ★

Editor (Interino): J. A. ROUSSADO PINTO  
Redactor principal: FERNANDO DOS SANTOS (S. F.)



## No circo

O contorcionista: — Faz o  
obséquio, minha senhora.  
Deixou cair o seu lenço!...

Don  
LLORENS



# FALA O R... ISO



Sim, é o «Riso» que vos fala — este «RISO» cheio de cor, que enverga hoje, uma fatiola como poucas! Aqui está ele, radiante, cheio de saúde, para dar aos melancólicos e aos neurastênicos uma pequena dose de bom humor. Nós prometemos e cumprimos! Dia e dia surge-nos uma ideia que na semana seguinte pomos em prática.

O «Riso» deu 3 saltos — 3 saltos perigosos... dos quais seiu ileso (muito obrigado!) E o público gosta dele, de passear com ele, de o meter no bolso, na pasta, e o ostentar no «café», no intervalo do cinema e no jardim público.

Esta revista é para os novos e para os velhos — sobretudo para os novos-velhos que passam a existência a pensar no preço do seu caixão.

A ninguém parece mal ler «Riso Mundial» (rima e é verdade) e, se parecer, é questão de se dar ao incómodo de pôr no rosto as barbas e seus óculos escuros que tão gentilmente, no passado n.º 13, oferecemos aos nossos conceituados leitores.

O «CLUBE DOS HUMORISTAS» está em aumento, contando, com algumas dezenas de associados dos diversos pontos do país. Chegam-nos, por todos os meios, pedidos de inscrição e, o «Riso», muito córado, não tem mãos a medir!

O nosso concurso «ESQUELETOS NO AR» (1.º prémio MIL DELE, dele do nosso Director... que os desembolsa) atingiu o colossal, o piramidal, o sensacional!.. Não dizemos bestial porque é feio!

As emissões radiofónicas, em Rádio Graça, em colaboração com o «CLUBE DOS HUMORISTAS» continuam a ir para o ar como os aviões!

E o «RISO» continua a rir e rirá cada vez melhor!

Leitor, faça obséquio, descanse um pouco a vista. Já descansou? Pois bem, prossiga na leitura da prosa e... dos bonecos. E quando chegar ao fim, tenha paciência e espere mais 8 dias! Até lá, saúde, boa disposição, a carteira recheada... e Saramago!

## GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

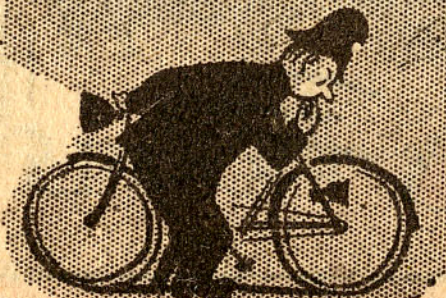
PREMIOS: 1.º 500\$00 - 2.º 250\$00 - 3.º 150\$00

Ninguém deixe de concorrer a este formidável concurso.

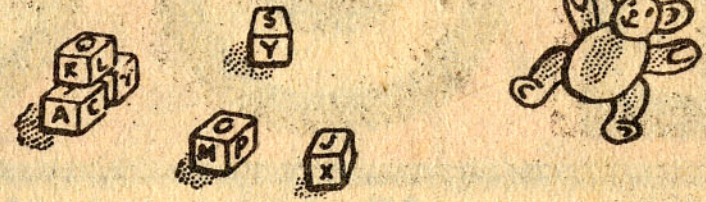
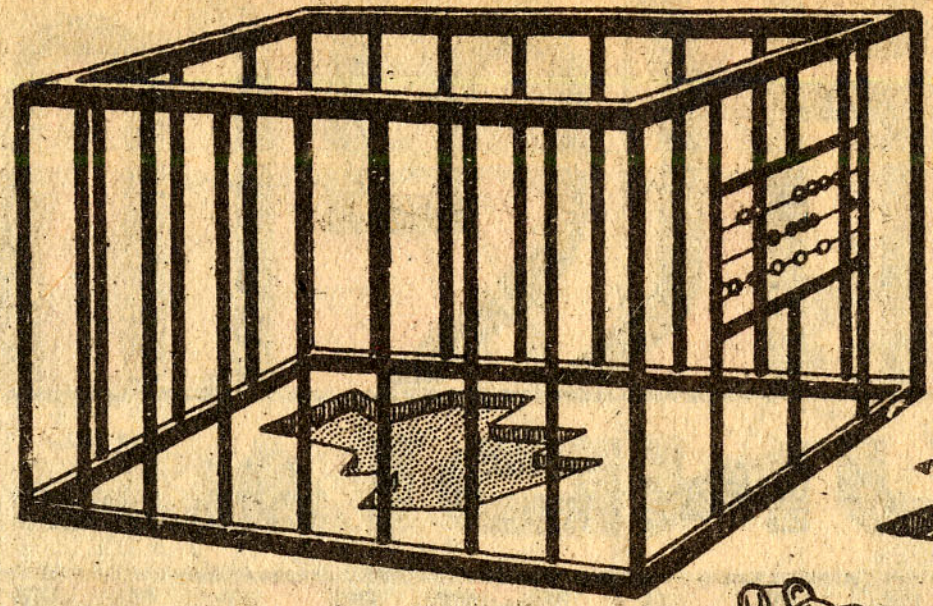
Cada leitor pode enviar as quadras que lhe der na real gana, juntando uma senha a cada quadra.

Começamos no próximo número a publicar as quadras já recebidas.

SENHA Quadra N.º



(Do Punch)



## EVASÃO AUDACIOSA

### Cartas ao Director

Sr. Director:—Muito se tem escrito sobre a Praça da Figueira. Uns são a favor da sua demolição; outros são contra.

Permita-me, sr. Director, que também dê a minha opinião.

Eu achava que o melhor seria transferir aquele mercado para a Praça do Comércio, em atenção ao nome deste local.

Entre outras vantagens que não são para aqui chamadas, as hortaliças ficariam mais a vontade, as vendeiras poderiam, sem receio, pôr os ovos debaixo das arcadas por causa do sol, e o peixe era só sair do rio e ir direitinho para a lota.

Além disso, o negócio seria muito mais lucrativo pois, como se sabe, é raro o dia que naquele sítio não desembarque um.

Não levo nada pela ideia e fico ao seu dispor.

JOSÉ NABIÇA — Rua da Horta Seca, 374-5.º Esq.

Sr. Director:— O camião do lixo passa pela minha rua ao meio-dia. A essa hora, já os caixotes estão vazios pois o rapazio entretém-se a virá-los a pontapés.

Para acabar de vez com este deplorável estado de coisas, proponho que o camião seja oferecido à Carris para o empregar na Carreira do Aterro; que a garotada vá já, já, para casa das mããs, e o lixo, esse, quem quiser que o despeje na pia ou então, continue-se a embrulhá-lo muito bem em-

brulhadinho para ser deitado à rua, altas horas da noite.

Sem outro lixo, perdão, sem outro assunto, creia-me, etc.

J. ALMEIDA DA CAMARA — Beco do Fala-Só, 243, r/c.

Sr. Director — Como o inverno está à porta, não tarda uma loja de barbeiro, que o frio comece a apertar.

Aqueles que gostam de estar sentados nos bancos da Avenida, sentem o corpo enregelar, o que, como deve compreender, é muito desagradável.

Não seria possível obrigar os vendedores de castanhas a colocarem os assadores debaixo dos bancos?

Assim, juntar-se-ia o útil ao agradável.

Creia-me, com toda a consideração, etc.

MANUEL DO Ó — Rua das Escolas Gerais, 446, cave.

Sr. Director — Tenho um automóvel que só anda nas descidas, de forma que, quando preciso de ir do Cais do Sodré para o Largo de Camões, tenho que encostar o carro e subir, a pé, a rua do Alecrim.

Não haveria processo de transferir o Camões para o Cais do Sodré e vice-versa?

Creia que era um serviço que me faziam.

Com muita estima, sou, etc.

ANICETO LARANJINHA — Pátio do Carrasco, 173-4.º.



# «EU», O DIABO, O TELEFONE Desespero! E O OUTRO «EU»

## PERSONAGENS

«Eu» . . . . . «Sou Eu»  
O Diabo . . . . . E' Ele  
O Telefone . . . . . Não sou Eu  
O outro Eu . . . . . Posso ser Eu

E uma gargalhada se... chegar a tempo. Acção na Praia. E' poca banear.

### Prólogo

Quando, na praia se podiam usar fatos de banho, sem saia, e o calor nos visitava pontualmente nos mezes de verão, Eu era feliz! Sem qualquer pesadelo a atormentar-me cantava no alto da pópa

Eu sou o Pirata etc. etc.

Isto era antes da tragédia, que, ensanguentou a minha vida, e que Eu, não tendo coragem para narrar, delego no meu outro Eu que, não sendo Eu, pode muito bem ser que seja «Eu».

(Charada Biforme) Sob o Pano. Começa a História.

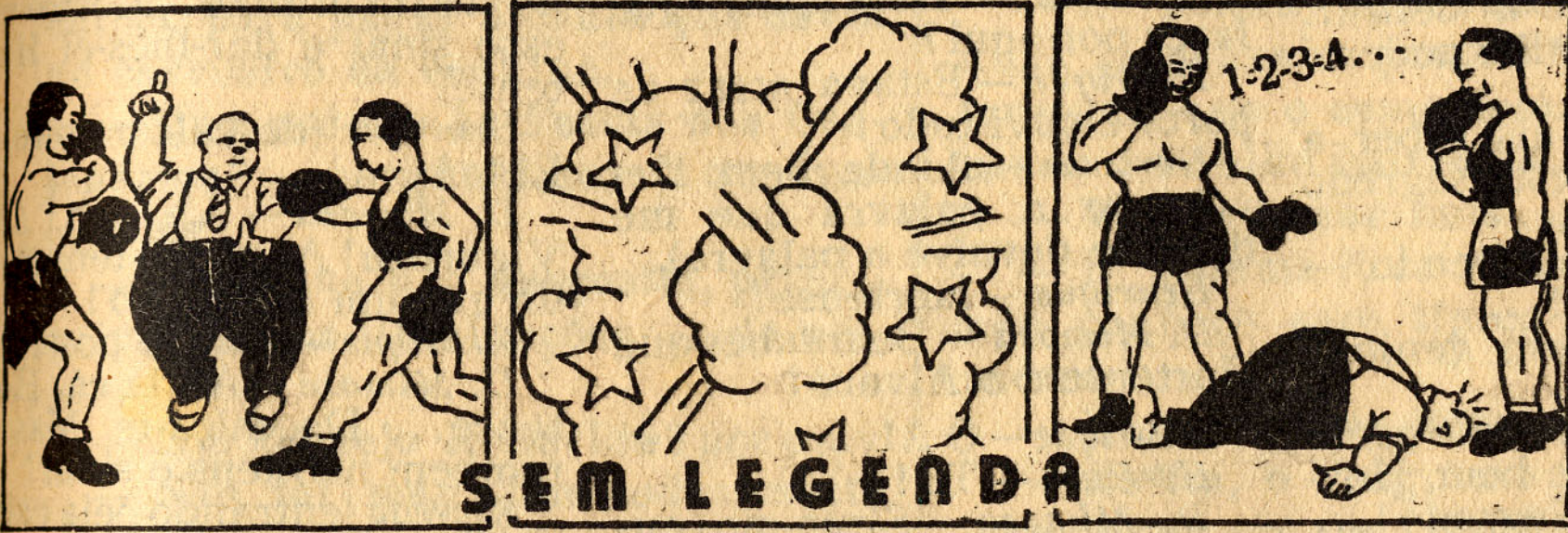
*Eu* (ao telefone) — Está lá?  
*Meu outro Eu* (respondendo) — Estou!  
Quem fala?  
*Eu* — Daqui sou Eu! E aí?  
*Outro Eu* — Aqui, sou Eu. Que desejias?  
*Eu* — Falar contigo!  
*Outro Eu* — Falar com Eu? Então diz.  
*Eu* — Foste tu... que...  
*Outro Eu* (rápido) — Não! Não fui eu!  
*Eu* — E' que eu...  
*Outro Eu* (rápido) — Eu bem sei que foste tu!  
*Eu* — Não fui eu! Já disse.  
*Outro Eu* — Eu é que não fui.  
*Eu* — Se eu não fui, e tu não fostes, quem seria?  
*O Diabo* (entrando) — Fui Eu.  
*O Telefone* — Ainda bem que não fui  
*A Gargalhada* (entrando) — E o sangue?  
*Cai o pano encharcado, nas lágrimas dos espectadores.*  
*Francisco Afonso (Eu)*



A SOGRA FOI-SE... ESTICOU,  
O FILHO HÁ TEMPO ABALOU,  
A ZIZI JÁ SE CASOU,  
A ESPOSA DELE VOOU  
E O TRABALHO FALTOU!...

...Então ele, no auge do desespero, fez das tripas coração, da secretária um jardim, do cesto dos papéis um vaso inédito e da vida um paraíso!

Assim é que é «seu» Tomé! Nada de disparates; nada de se pendurar no candieiro da sala do jantar e morrer de morte macaca!



SEM LEGENDA



## OS HOMENS MEDEM-SE AOS PALMOS

ELA — LAMENTO, BONIFÁCIO, MAS NÃO FAZEMOS UM BONITO PAR.

ELA — NOS MEUS PRIMEIROS ENCONTROS É ISTO QUE USO.



# TRAGÉDIA FAMILIAR

Peça em 2 quadradinhos, onde não entra a SOGRA

Por ROUSSADO PINTO



— A tua cinta não estará muito apertada, querida?

## NA MESMA MOEDA

Condé, aborrecido de ouvir, a uma das pessoas que o rodeavam, falar constantemente no senhor seu pai e na senhora sua mãe, voltou-se para o criado e disse-lhe:

— Senhor meu lacaios, vá dizer ao senhor meu cocheiro, que ponha os senhores meus cavalos à senhora minha carruagem.

## O Milagre

O Tobias tem fama de forreta.

Outro dia estava na bicha do cinema comprando bilhetes para ver um filme que se intitulava «O Milagre».

Um amigo que também lá estava viu-o... e saindo da bicha satisfeito, ia dizendo:

— Poupei o dinheiro! Já vi o tema da fita...

A cena que representa uma cena com fundo, direita, esquerda, alto e baixo, tem num cantinho uma caixinha com palitos e noutro, uma bacia de lavar os pés.

I

D. Mimosa — Não posso mais! Hoje é o dia! Terei a coragem suficiente para o fazer?

Hortense — Mãe! .. Mãe!...

D. Mimosa — Esse nome...

Hortense — Porque está triste e com a barba por fazer? Amanhã vem cá o Henrique pedir-lhe a minha mão. E' isso que a entristece, mãezinha?

D. Mimosa — Não me trates por esse nome! (ri sarcásticamente) Mãe!...

Hortense — Está a delirar. Que outro nome lhe poderei dar?!...

D. Mimosa — Vais saber a verdade. Tinha este segredo guardado, mas...

Hortense (interrompendo) — Um segredo! Oh!...

D. Mimosa — Tem genica! Olha!...

Segredo (entrando pela porta do fundo) — Vê-me bem, Hortense. Eu sou o Segredo!...

D. Mimosa — Horror! Não o posso ver sem desfalecer!

Segredo — Lamento muito, mas já nasci assim!

D. Mimosa — Vais saber

tudo: tu não és minha filha!  
Hortense — Oh! Então quem sou?

D. Mimosa — E's o Alvaro!

Hortense — O Alvaro?!

D. Mimosa — Invernava na nossa quinta do Casal dos Tesos, quando travei conhecimento com e. Contou-me a sua triste história e não resisti: tomei conta dele e fiz-me sua mãe!

Hortense — Então...

D. Mimosa — E' verdade, és o Alvaro! Oculte-te sempre, mas agora que foste pedida em casamento, tinha de to dizer!

Segredo — Bem, agora vou-me embora (e sai pela bacia de lavar os pés).

II

Hortense — Henrique! Que fazes por aqui?

Henrique — Estava atrás da porta e ouvi tudo!

Hortense — Ainda bem. Devolve-te a palavra que me deste (e devolve a palavra).

Henrique — Hortense!

D. Mimosa — Bem sabes que Hortense é o Alvaro!

Henrique — O Alvaro sou eu!

Hortense — Tu!

D. Mimosa — Sinto-me enlouquecer!

Henrique — Não enlouqueça, D. Mimosa. Ouça: numa noite de inverno falando com a minha consciencia, compreendi

que lhe tinha criado um pesado encargo. Prevendo o futuro, como se adivinhasse que tudo isto viria a acontecer, saí pela porta e deixei-lhe uma carta...

D. Mimosa — Ah! Ah! Não vi carta nenhuma!

Henrique — Deixe-me terminar, bolas. Depois, senti remorsos ao pensar na dor que sentiria ao ler a carta e voltei atrás. Levei a carta e deixei-lhe ficar a Hortense, que ainda era menina de mama.

D. Mimosa — Não me «levas» com essa facilidade. Hortense é o Alvaro!

Henrique — Não é. Recordasse do sinal no dedo meminho do pé direito, que o Alvaro tinha?

D. Mimosa — Lembro-me perfeitamente. Mostre-me esse sinal e dar-lhes-ei Hortense,

Henrique (descalçando-se) — Ei-lo!

D. Mimosa — Ah! Ah! Ah! Vigarista! Aqui não tens mais do que um reles calo!

Henrique — Não é possível!

D. Mimosa — Anda cá, Hortense... Descalça-te. Mas... também não tens o sinal!

Segredo (entrando pela caixinha dos palitos) — D. Mimosa, o Alvaro és tu!

O pano não se mexe porque tem reumático.

## XARELLES BUAIER

Numa bela tarde de trovoadas, em Figeac (França), nasceu um menino. Estava-se a 28 de Agosto de 1889 (imaginem!). O tal menino, mal viu a luz... dos raios, casou-se com Pat Petterson, de quem tem dois lindos e tenros Patinhos... Com o tempo, foi crescendo, e logo que se dedicou ao cinema passou a usar o apelido de Xarelles Buaier. Na verdade, o seu legítimo nome é Jacques Barbosa, e por tantas vezes o terem «lisongeado» com o estribilho «O' Barbosa, estás nervosa?...», ficou com o frontal, occipital e temporais substituídos de qualquer cabelo. Tem um olho de vidro, uma perna de mau, e uma cara de pau. Limpa os dentes com a pasta... de Finanças. Faz a barba aos domingos, a insistentes pedidos da Pata Mãe. Interpretou dezenas de filmes, entre os quais «Parquing Mayer», «O prisioneiro desceu no elevador do Lavra», «A esquina das poucas vergonhas», «Entre-

vista um pouco melada», «O jardim da Estrêla», «A Banheira» (Le Bonheur), «Amor ao ferro» (Love affair), «Tudo isto e o racionamento também», etc., etc...  
..... continuação do etc...  
..... etc. final. Gosta imenso dos desportos. O que lhe prefere mais é a caça... às moscas. Fuma tabaco «Provisórios». As suas duas grandes manias, são andar descalço pelas ruas, avenidas e demais artérias... pulmonares, e tomar «duches» em casa da vizinha. A estrêla com que mais gosta de trabalhar, é a estrêla... Polar. Lê muito, conhecendo alguns autores portugueses (como, por exemplo, Asdrubal Anacleto dos Anjos, autor do envio para «os anjinhos» dum homem de Vouzela). Costuma passar as tardes a filmar ou a passear de carro... de mão, e as noites a rressonar. O seu melhor amigo é o popularissimo Pato... Donald.

P. da C.



— Parece impossível que me queiras assustar, fazendo que o coco vem aí a cair!



# O POÇO DOS MOUROS E AS FESTAS DOS CENTENÁRIOS

Como não podia deixar de ser, o *Riso*, sempre alegre e jovial, decidiu entrevistar o primeiro mouro que lhe aparecesse mais ao pé da mão.

Quis a sorte que, ao passarmos pelo Poço dos Mouros, ouvíssemos chamar:

— O' pá! Vem cá abaixo!

Descemos ao fundo do poço e demos de cara com Abd-Arraska — um mouro que conhecíamos dos tempos da escola e descendia daquele sarcaceno que ajudou a entalar o Martim Moniz na porta do Castelo.

Abd-Arraska pediu-nos desculpa de se apresentar em cuécas, mas tinha empenhado o albornoz e as sandálias, para pagar a conta que devia no carvoeiro da esquina.

— Que nos diz às Festas dos Centenários? — perguntámos, à queima-cuécas.

— Digo que não desgostei, principalmente das iluminações... de noite...

— E o Cortejo Histórico?

— Não foi mau. Jam todos muito bem disfarçados. Só lhes faltava falar...

— E a retumbante vitória dos portugueses no oquei?

— O Key!

— E...

— Não diga mais! Gostei de tudo, menos daquela ideia da Carris...

— O «eléctrico» armado em castelo mourisco?

— Exacto.

— E' simbólico...

— Eu acho que seria mais simbólico pôrem a servir de trolley um chouriço mouro!...

— Mas, compreende...

— A Carris, que vá fazer pouco da família dela!... Nós, os mouros, nunca gostámos das más compa-

nhias!... Os meus antepassados andavam a pé e a cavalo num burro... mas nunca precisaram de se *dependurar* nos «eléctricos» para faltarem aos emprêgos!...

Fizemos um movimento de retirada.

Abd-Arraska cortou-nos o gesto:

— Ponha lá, no *Riso*, que gostei imenso das Festas dos Centenários, principalmente do 1.º ciclo.

— Vamos tomar nota...

— E ponha também

duas larachas a propósito das destruições que o camartelo está realizando no velho bairro da Mouraria...

— Vamos tomar nota...

— E Alfama?... Qualquer dia, não conheço esse típico bairro sarcaceno!

— Vamos tomar nota...

— Enfim, o Progresso manda!...

— e com um ar indignado, Abd-Arraska concluiu — O que não está certo, é que tivessem acabado com o único prazer que restava à mourama!...

— O que foi? — inquirimos, como qualquer parteira curiosa.

— Acabaram com a Cova da Moura!...

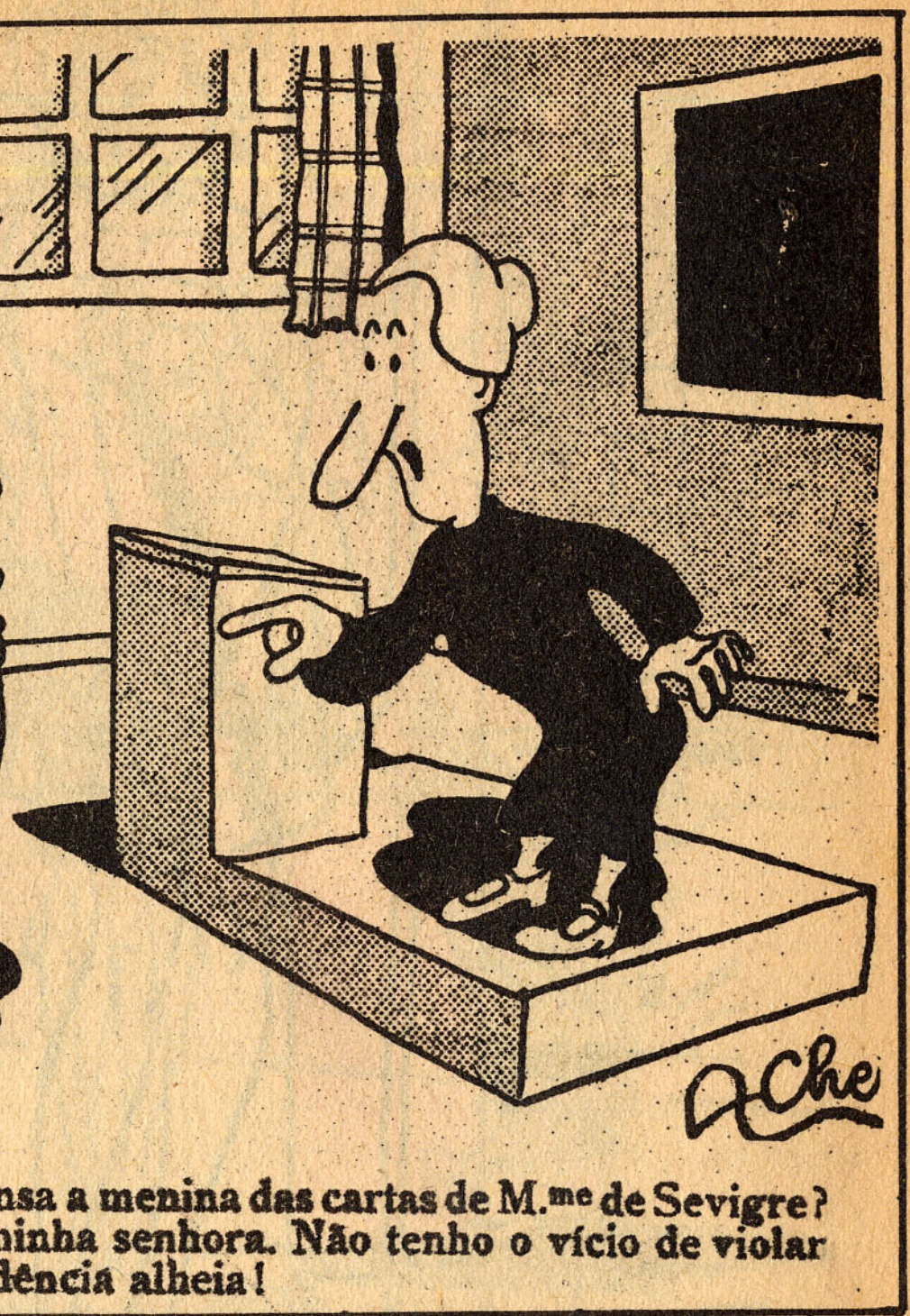
«O Homem do Riso Amarelo»

## Conversa telefonica

João — E's tu, Pedro? Daqui o João!...

Pedro — Sim?...

João — Olha, Pedro... Estou aqui no Estoril e precisava que me man-



— Que pensa a menina das cartas de M.<sup>me</sup> de Sevigre?  
— Nada, minha senhora. Não tenho o vício de violar a correspondência alheia!

dasses quinhentos «paus»...

Pedro — Como??...

João — Não ouviste? Estou no Estoril e preciso de quinhentos escudos!...

Pedro — Não oiço nada! Nem uma palavra!...

João — Dizia-te eu, que estou no Estoril e precisava que me mandasses quinhentos escudos!

Pedro — Não oiço absolutamente nada!...

Telefonista — Não sei porquê... Eu oiço perfeitamente...

Pedro — Então empreste-lhos você!...

## Tartarugas

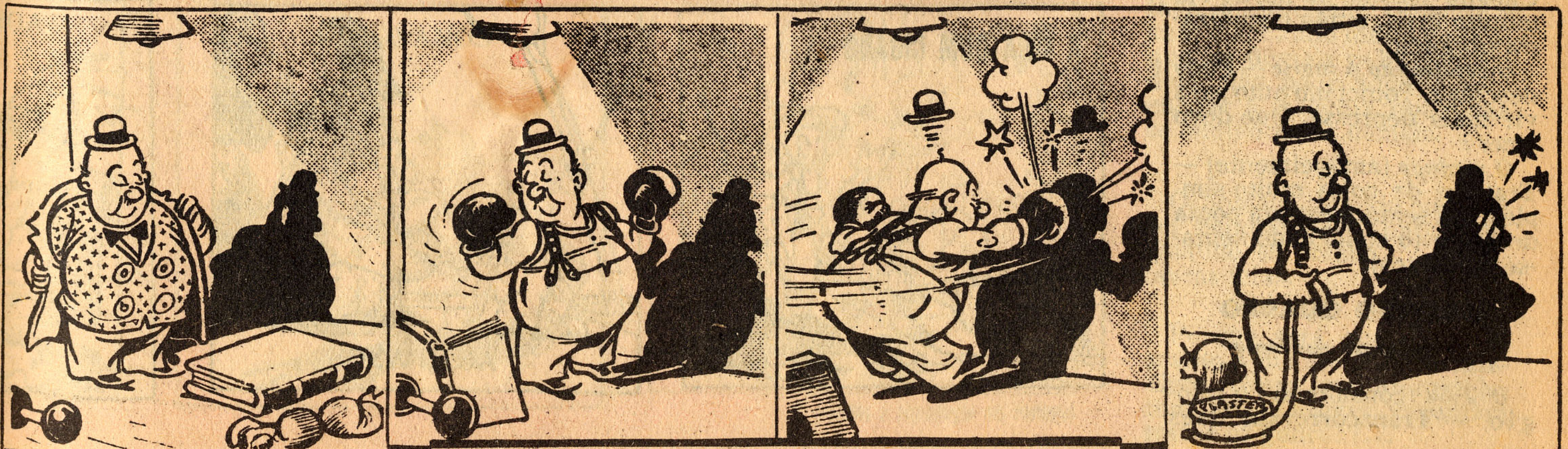
Numa reunião de tartarugas uma delas levantou-se e pediu licença delicadamente:

— Já venho... não me demoro... São só uns cinco anitos, para falar ao telefone.

Três anos depois, voltou:

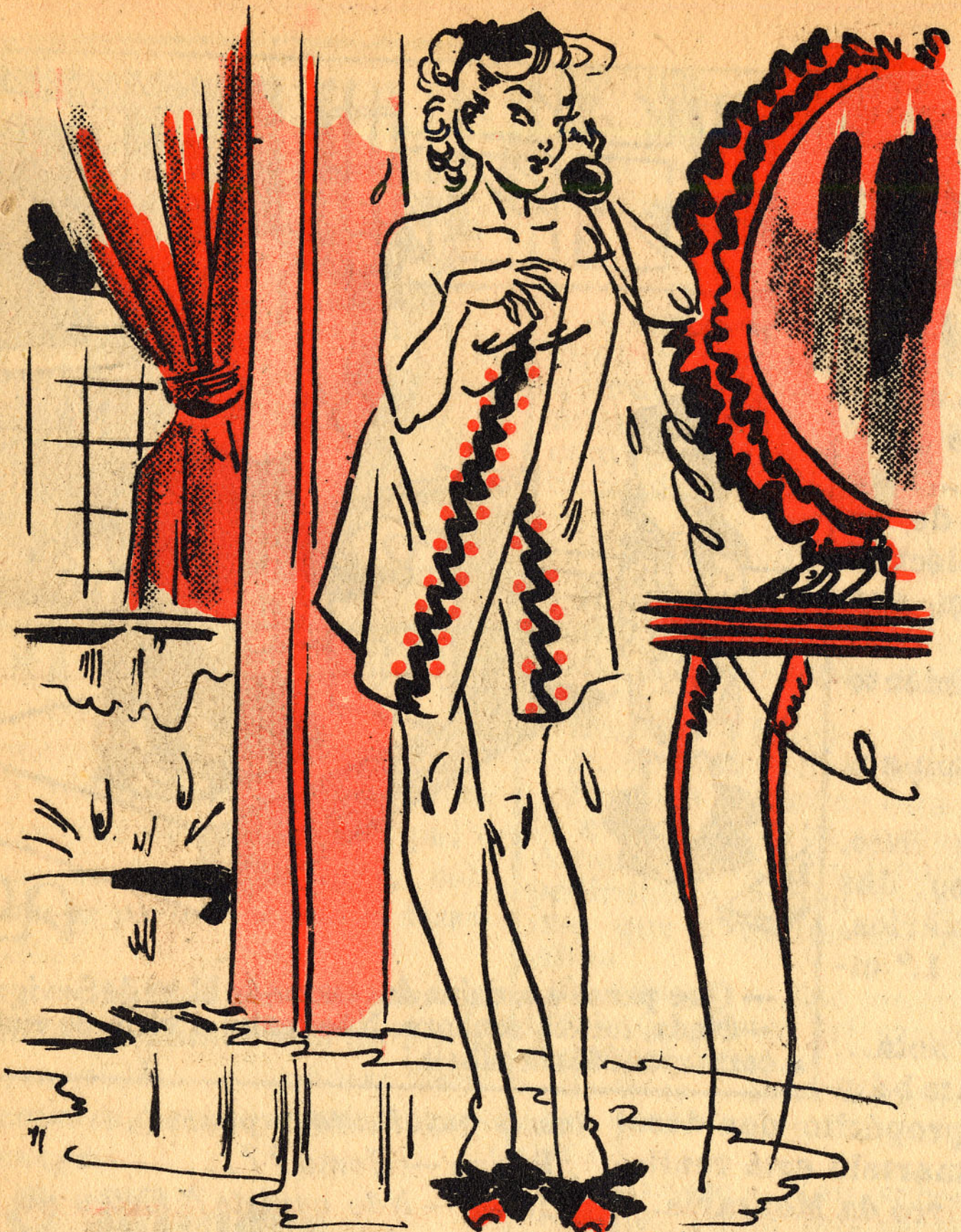
— Tão depressa, perguntaram as outras.

— Sim... — respondeu. Estava lá outra a falar e desisti...



COISAS DO WENCESLAU





ELA — VOU JÁ MEU AMOR. É SÓ POR O CHAPÉU E SAIR.

## O EMPALADO

Por CAMI

### PRIMEIRO QUADRO

Antes da execução

**Primeiro espectador** — Aproxima-se a hora. A's sete, o condenado sofrerá a empalação.

**Segundo espectador** — O juiz e o verdugo dirigem-se para onde estamos.

**O Juiz (ao verdugo)** — Já está na hora e não chega. São sete em ponto.

**O verdugo** — Tem um quarto de hora de tolerância. Esperaremos.

**O Juiz (consultando o seu relógio)** — É inútil continuar esperando!

**O verdugo** — Ei-lo aqui. Vem de taxi.

**O Juiz (ao condenado)** — Chegou mesmo na hora; um minuto mais, e não encontraria ninguém.

**O condenado à morte** — Peço desculpa. Tomei um auto para vir mais depressa. Que devo fazer?

**O verdugo (amavelmente)** — Trata-se de coisa muito simples, vai sentar-se nesta ponta de ferro (o condenado senta-se na estaca).

### SEGUNDO QUADRO

O empalado sorridente

**O Juiz (consultando o relógio)** — Transcorreram duas

horas desde que o condenado recebeu a empalação. Mas, não parece querer morrer.

**O verdugo** — Mostra o rosto sorridente. No entanto está atravessado de lés a lés. A ponta da estaca sai-lhe pela boca. É extraordinário!

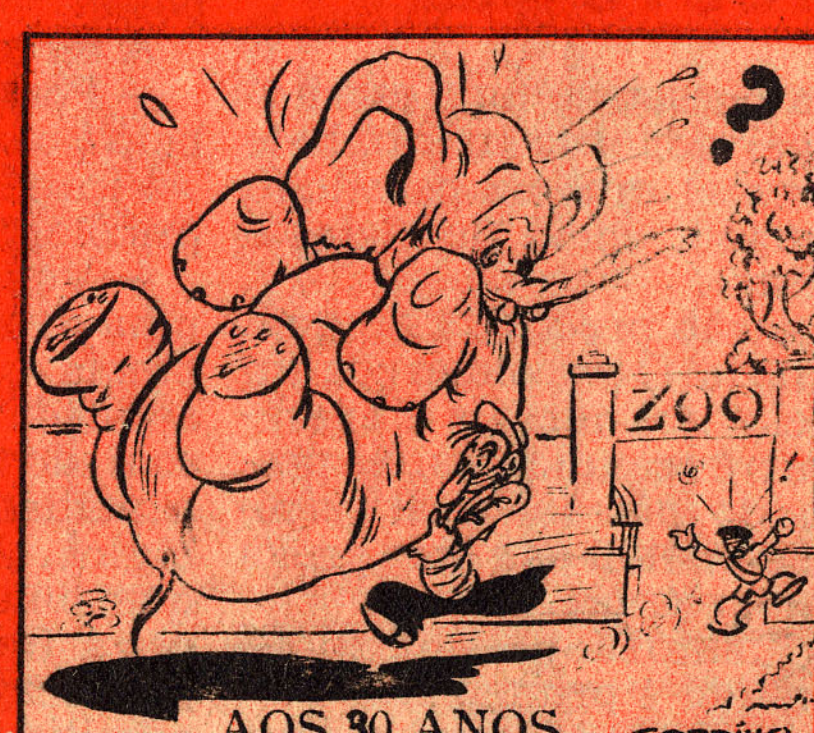
**O primeiro espectador para o segundo** — A paciência tem limites. Isto é extraordinário. Vamo-nos embora.

### TERCEIRO QUADRO

Sempre sorrindo

**O Juiz (consultando o relógio)** — Duas horas da tarde! Este empalado conserva o olhar firme e o sorriso.

(Continua na pág. 10)



É proibida a reprodução em Portugal

# BARTOLOMEU FOI A' BAIXA

Por SANTOS FERNANDO

Talvez que este título seja mais do que suficiente para o ilustre leitor colocar o jornal de parte, dizendo, de per-si, que a questão dum senhor ir à Baixa é o facto mais natural que sucede diariamente a qualquer individuo.

Pois o Bartolomeu de que vos falo nunca tinha ido à Baixa!

1.º — Porque morava em Campo de Ourique.

a) — Ir de «eléctrico» seria muito dificultoso para os seus 105 quilos;

b) — Detestava as aglomerações, donde saía, sempre, com alguns quilos a menos... sobretudo na carteira.

2.º — Porque vivia isolado da humanidade, num 6.º andar antigo com renda de 50 «milréis».

a) — O senhorio jurara que, na primeira altura, o atropelaria com o seu «Nash 800» com o fim de poder, de seguida, alugar a casa por 2 contos e quinhentos.

3.º — Porque, para ele, outro local que não fosse aquele onde tinha a residência era uma outra nação.

a) — Tirar um bilhete num «eléctrico» dar-lhe-ia o mesmo trabalho — pensava — do que tirar um passaporte;

b) — Descer do carro seria o mesmo que lançar-se, de para-quadras, sobre Berlim;

c) — Infiltrar-se no meio dos automóveis era nada mais nada menos que a mesmissima coisa que se deitar ao Pacifico, com um matacão nos pés.

§ único — Está explicada

a razão que me levou a usar o título que encima esta narrativa.

Erratas — Página tal. Onde se lê Berlim deve ler-se Berlin.

\* \* \*

Apesar dos seus 40 anos nunca tinha ido à Baixa!

Outro dia acordou diferente; dir-se-ia que algo misterioso se apossara dele pela noite fora e lhe mudara os miolos, o fígado e a neuro-mania.

Andou a remexer na papelada. Contou o dinheiro, vestiu-se e, pé ante pé, desceu a escada. Apesar de tanta precaução, daí a pouco, toda a vizinhança sabia que o Bartolomeu tinha saído.

E o seu senhorio, mesmo em cuecas, foi logo à gara-

gem buscar o automóvel, disposto a liquidar o seu inquilino. Felizmente o carro não pegou.

Bartolomeu esperou um «eléctrico» que dissesse «Baixa» e só meia hora depois apareceu um que dizia «Estrela» — que estupides!

Muito atrapalhado foi içado para dentro do carro. Quando o condutor se aproximou, de alicate em punho, Bartolomeu disse aguçejár:

— En cá não lhe fiz mal nenhum... o cavalheiro desculpe...

— Para onde vai?

Ele respondeu qualquer coisa. O condutor deu-lhe um papelinho branco que ele guardou.

Mas, o pior foi quando apareceu o revisor, de bigodes façanhudos, com um ou-

tro alicate na mão com o qual brandisse um punhal. Bartolomeu pôs-se a tremer dos pés à cabeça e fugiu pelo corredor.

— Onde é que vai a fugir? — Eu não fiz mal a ninguém... o cavalheiro está equivocado...

E, cheio de medo, os seus 105 quilos reboaram na rua. Levantou-se e fugiu sacudindo-se do pó e apalpando os ossos.

Mas, então, aquilo é que era a Baixa? Quando ia para atravessar um polícea intimou-o a que seguisse pela direita. Muito admirado com aquela ordem foi por ali adiante sem pestanejar e, posto visse coisas muito bonitas do lado esquerdo ele nunca deixou de seguir pela direita. «Que patusco — pensou — eu só ter direito a andar por um lado». Um rapaz entregou-lhe um pospeto ele aceitou e deu-lhe uma grande chapelada. Que simpatia de rapaz.

Daí a pouco tiraram-lhe a fotografia e deram-lhe outro papelinho. «Mas que gente tão amável!» Mas o mais bonito foi quando lhe ofereceram uma caneta de tinta permanente, uns esticadores para o colarinho, um vigéssimo para a lotaria, uns suspensórios de vidro, uma correia para relógio e um pente. Tudo aquilo ele ia guardando e retribuindo, aquela amabilidade que o confundia, com largas chapeladas a torto e a

(Continua na pág. 10)



O PATRÃO — ESTE É O NOSSO ÚLTIMO MODELO DE CANETA DE TINTA PERMANENTE.

## RISADINHAS IRÓNICAS

Por PORTAL DA COSTA

Pelo muito que tenho reparado, notei que quem usa em Portugal as saias compridas, são só as senhoras de idade avançada.

A mulher pode falar com lábios de mel a sua maior inimiga durante horas, enquanto dois homens, nas mesmas circunstâncias, em menos de 10 minutos jogariam mutuamente ao sóco.

A doçura do amor, é a única doçura que não nos causa diabetes.

Uma mulher feia, de corpo bem feito, deve ser apreciada unicamente como os «chiclets» fotográficos: à contra-luz...

Numa bôca formosa, os dois lábios são lábios superiores.

Conseguir, ao mesmo tempo, o amor de duas mulheres, não é um acto de bigamia! É, apenas, muita sorte...

A inteligência encontra-se nos homens que teimaram em ficar solteiros, e nas mulheres que conseguiram arranjar marido!

O homem covarde é aquele que, colocado entre a espada e a parede, prefere a parede...

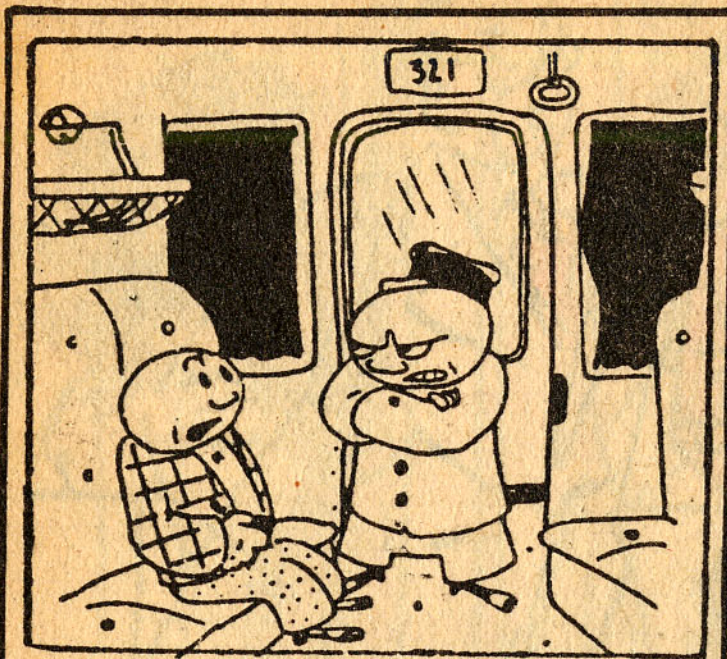
O ciúme, dizem, é filho do amor. Evidentemente... é um filho ilegítimo.

Para o homem, a única mulher decente que existe é a sua; e achando muito natural que as demais se enamorem dele, não pode admitir, sem chegar à tragédia, que a sua se enamore dos demais.

O homem, quando ouve dizer palavras feias, enfada-se. Quando se enfada... diz palavras feias.

Porque será que quando assisto a um combate de luta-livre, penso logo no carinho com que as sogras costumam tratar os genros?...





— Então o sr. não tem bilhete?  
— Não, não! Agora estou em regime de economia!

## PENSAMENTOS — DO — POLICARPO

Se as mulheres se conhecessem tão bem como conhecem os homens, e se os homens se conhecem tão bem como conhecem as mulheres... as coisas seriam exactamente como são...

\* \* \*

Aquela mulher tinha tanta fé e possuía um tão grande domínio sobre as suas coisas, que escrevia o diário da sua vida com uma semana de antecedência.

\* \* \*

O amor é como a guerra: entramos nela quando queremos, mas só saímos... quando podemos...

\* \* \*

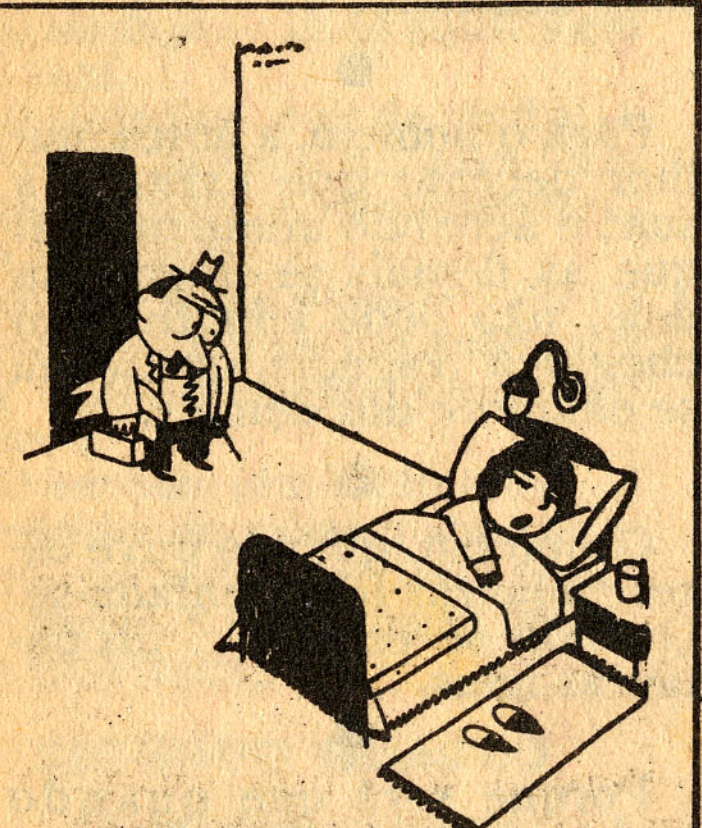
O homem casou-se. A mulher era o chefe da casa. Agora as coisas mudaram. Os filhos cresceram e constituiu-se uma espécie de comissão administrativa.

\* \* \*

Aquela mulher, coitada, sofreu uma grande desilusão com o casamento. Imaginem que o esposo lhe dizia que gostava imenso do lar e afinal insiste em acompanhá-la quando ela sai.

\* \* \*

Um patrão é um senhor que chega cedo ao escritório quando nós chegamos tarde e chega tarde quando nós chegamos cedo.



— Já venho duas vezes mais cedo de viagem, sem avisar, e encontro a minha mulher sozinho!...

# Na bicha do Arquivos de Identificónabo

Era ainda noitinha.

A bichazinha que se formara há coisa de 8 horas 23, minutos antes da abertura, á porta do Arquivos de Identificónabo, permanecia imóvel no seu comprimento de quinhentos metros. De repente começaram a sorrir os primeiros raios de Sol. Os últimos (raios de Sol, 'tá bem de ver) já vinham a chorar por verem ali tanta gente á brocha (porque não ao pincel?) das pernas, há tanto tempo em pé, que nem S. Paulo podia socorrer. Ah!... se aquele gradeamento de ferro do Arquivos falasse...

Eu ali, ora num, ora noutro pé, á maneira de cegonha, tinha forçosamente que dizer qualquer coisa; «estar assim calado é que não vale»... Al fim, não disse nada... mas...

— O' filha já não posso mais das pernas...

Ai credo, que maçada... E eu que deixei o papagaio sem comer, coitadinho... E só por causa do maldito cartão... Nem sequer fiquei bem no retrato...

— Mas, ó mulher, porque não me pediste o meu que eu emprestava-te?... Tirei meia dúzia na fotografia Retratinho lá ao pé de mim, em fato de banho e em cóc'ras na areia...

— O' filha eles só querem a três quartos...

— Olha, não se contentam com um quarto, querem logo três...

Cortada por estes e outros diálogos, triálogos, quadriálogos, etc. e tal, a bicha continuava impávida, serena e bastante aborrecida...

Eram aproximadamente 7 horas 69 minutos e 96 segundos da manhã, quando, do ascensor do Bico saiu, como quem entra num carro eléctrico da Estrêla, uma data de

Por HELENO

peçoas que deram a sua bichada... na bicha. Foi nesta altura tão linda, que se ouviu o monólogo seguinte:

— Isto é que é preciso ter latasa!... Ando aqui a caminhar á mais de 20 semanas e meia e ainda não sei preencher os papeis, han:... Não podia raspar o borrão?!... Eu borrava-lhe mas era a cara!... Mas enfim, ou eles não me querem passar cartão, ou então... 'Tá bem ou não 'tá!...

Enquanto vários bílogos, perdão, monólogos andavam pelo ar, assim debalde (ou sem balde), vindo das escadinhas do Bico Grande um homenzinho de chapéu de côco exclamou, retorcendo os bigodes que comprara em segunda mão:

— Bichanos, isto é, senhores!... Saiam todos da bicha!...

Mas ninguem arredou pé. A bicha era de rabiá...

Afinal o homenzinho era da protectora dos animais e não queria ver assim a bicha tão maltratada.

\* \* \*

Todo contente, pois já me encontrava dentro do Arquivos, apenas a 50 metros e 97 centímetros do «guichet» (em português é postigo, não é?), ia só esperar mais 4 horas para receber o célebre cartão de identificónabo.

Descansadinho espreitei por uma fresta dum postigo (em francês é guichet, n'est-ce pas?) e, confesso licitamente que os meus cabelos se puseram em pé, um a um. E' que topei escrito num papelinho:

**Reclamassões  
inrrado no nome do pai**

Em virtude disto deitei as



— Como?! Você fugiu com o dinheiro da caixa e tem o des-caramento de cá voltar?j...

— Pois claro! Não tinha o bastante para passar as férias...

mãos á cabeça e os cabelos foram-se-me assentando lentamente. Mal tinha respirado 3 vezes fundo, quando enxerguei á minha vanguarda um tipo que ia buscar um cartão com senha de 1900! Mirei-o bem, remirei-o, verifiquei se usava suíças, mas por fim topei que o chapéu tinha na ponta uma borla... e de borla não se faz nada...

Chegou enfim a minha vez, depois de ter passado 2914 tormentos em posições indiscrimináveis e ainda por cima a ouvir uns a berrarem com os outros, senda árbitro um policia de pança esférica, nariz cilíndrico e bigodes de piaçaba. Muito descontente, puxei da senha muito contente, ageitando a gravata que uso ao pescoço á laia de coleira. Porem, o empregado pegou na minha excellentíssima senha, mirou-a, remirou-a, mexeu nos óculos, limpou os óculos, olhou para mim, olhou para êle, tossiu engasgadamente e com um sorriso a transbordar nos lábios, exclamou:

— Perdão, mas o senhor trouxe uma senha de racionamento...

Afinal de contas o homem das suíças era eu...

## Psicologia

Esta passou-se num escritório supermoderno onde o chefe do pessoal era um psicólogo diplomado, cheio de ideias e de «tests».

O patrão precisava de uma secretária. O psicólogo pôz um anúncio nos jornais e apareceram três candidatas. Na presença do patrão, o tal psicólogo submeteu-as a uma prova de competência.

— Quanto são dois mais dois? perguntou á primeira.

— Quatro — respondeu imediatamente a candidata.

O psicólogo fez a mesma pergunta á segunda:

— Trinta e oito — foi a resposta.

A terceira respondeu:

— Podem ser quatro e também podem ser trinta e oito...

Ficando só com o patrão o psicólogo explicou:

— Vê?... Acabo de fazer uma demonstração da importância que tem a psicologia aplicada na seleção do pessoal de trabalho. A primeira candidata deu uma resposta lógica. A segunda suspeitou que houvesse sofisma. A terceira foi cautelosa. Qual das três acha V. Ex.<sup>a</sup> que deve ser admitida?

— A loura de olhos azuis... — respondeu o patrão sem vacilar.





Com barbas...

## Uma de papagaios...

O compadre Segismundo foi para o Brasil. Grandes despedidas, beijos a todos e a promessa de que lhe mandaria de lá uma lembrança logo que tivesse portador.

Pouco tempo depois, apareceu em casa do compadre, lá na terra, um cavalheiro de panamá e fato branco, trazendo a prometida lembrança. Era um papagaio, verde e cinzento que olhava para todos com ar desconfiado.

Quando o portador saiu, o outro não pôde deixar de se queixar.

— Este compadre Serafim saiu-me um grande ingrato... Sabendo que tenho uma casa de família como esta, em vez de me mandar um peru, manda-me isto... Olha, Maria, faz o bicho com arroz para o jantar...

E comeram o papagaio.

Passados mezes o compadre Serafim voltou à terra.

— Então que tal? Gostaram do presente que lhes mandei?

— Hum... Não estava mau, não senhor... Um bocadinho duro...

— Duro?? Então vocês comeram o papagaio!!! Parece impossível!... Um bicho de estimação, tão bonito!... Que até falava!!...

— Falava?... Então porque é que ele não disse nada?...

T. T.

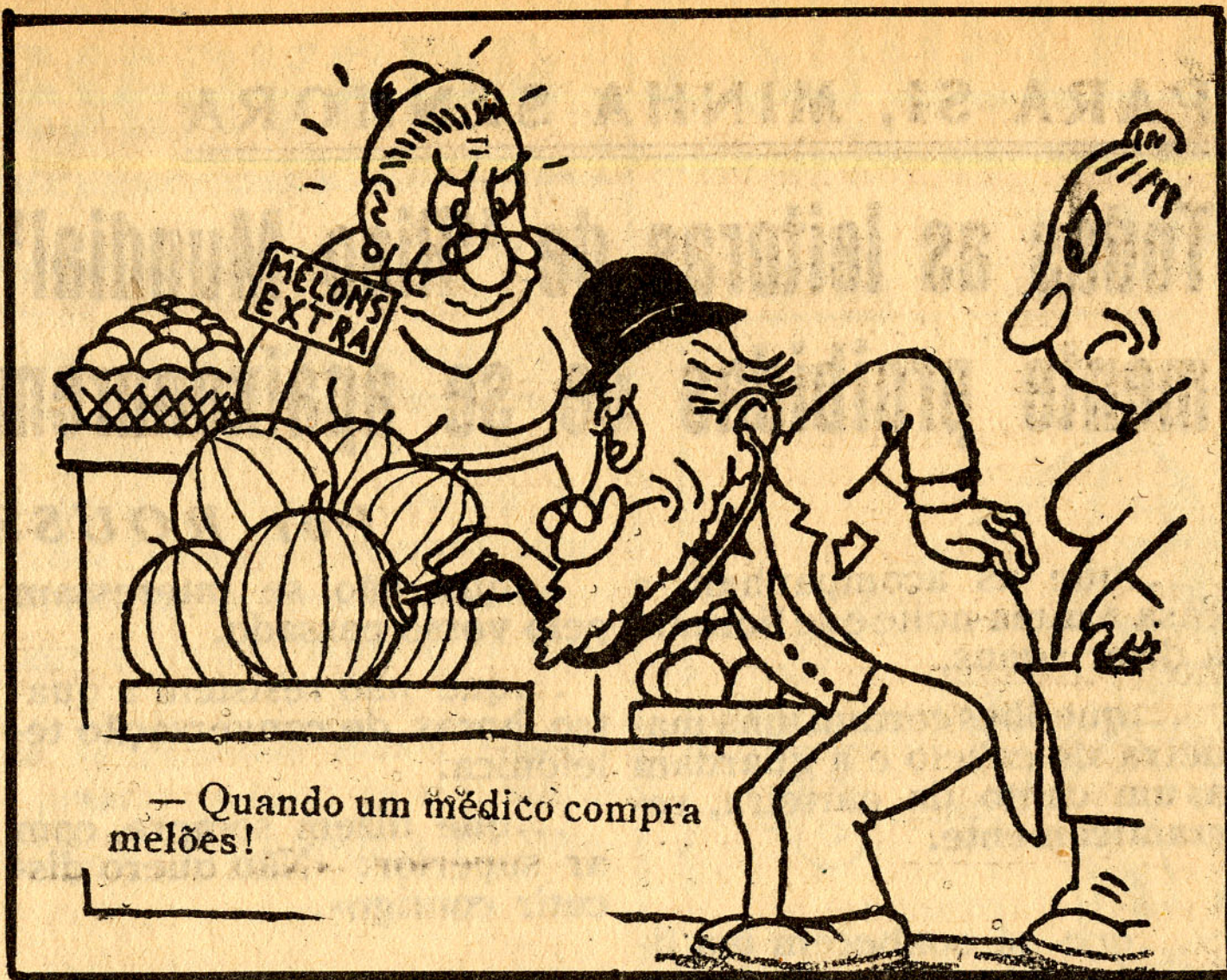
ASSINE O **RISO**  
MUNDIAL

**DON**  
**FLOWERS**

Notícia de sensação! RISO MUNDIAL adquiriu em exclusivo para Portugal, os magníficos desenhos de Don Flowers — um dos mais famosos artistas do seu género. Don Flowers inicia a sua preciosa colaboração nas nossas colunas, oferecendo-vos uma esplendida capa e algumas das anedotas ilustradas que inserimos nas págs. 3, 6 e 7.

Os seus originais chegam-nos directamente da América do Norte, sendo publicados ao mesmo tempo no RISO e nos melhores jornais humorísticos do país dos «dollars»!

Don Flowers — é mais uma das muitas supresas que RISO MUNDIAL reserva aos seus milhares de leitores!



## Aí vai a resposta

Artibad (Aveiro) — Os seus versos têm alguma arte mas estão um pouco coxs!... Faça mais e veja se saiem melhor para a outra vez.

João de Almeida (Lamego) — «O comboio», o «campo de aviação» e os versos estão com pouca graça. Ao primeiro falta-lhe, talvez, carvão; ao segundo... a pista (a vista, seria o melhor!). Os versos são do século XV! Contudo, a sua literatura tem estilo!... e com uma musicazinha melhor...

Ericinio do Vale — Na primeira altura o seu original será publicado. Faça mais com o mesmo chispe (não é com chispe, hein!).

A. Silva — Há Silva, há graça... e está tudo dito.

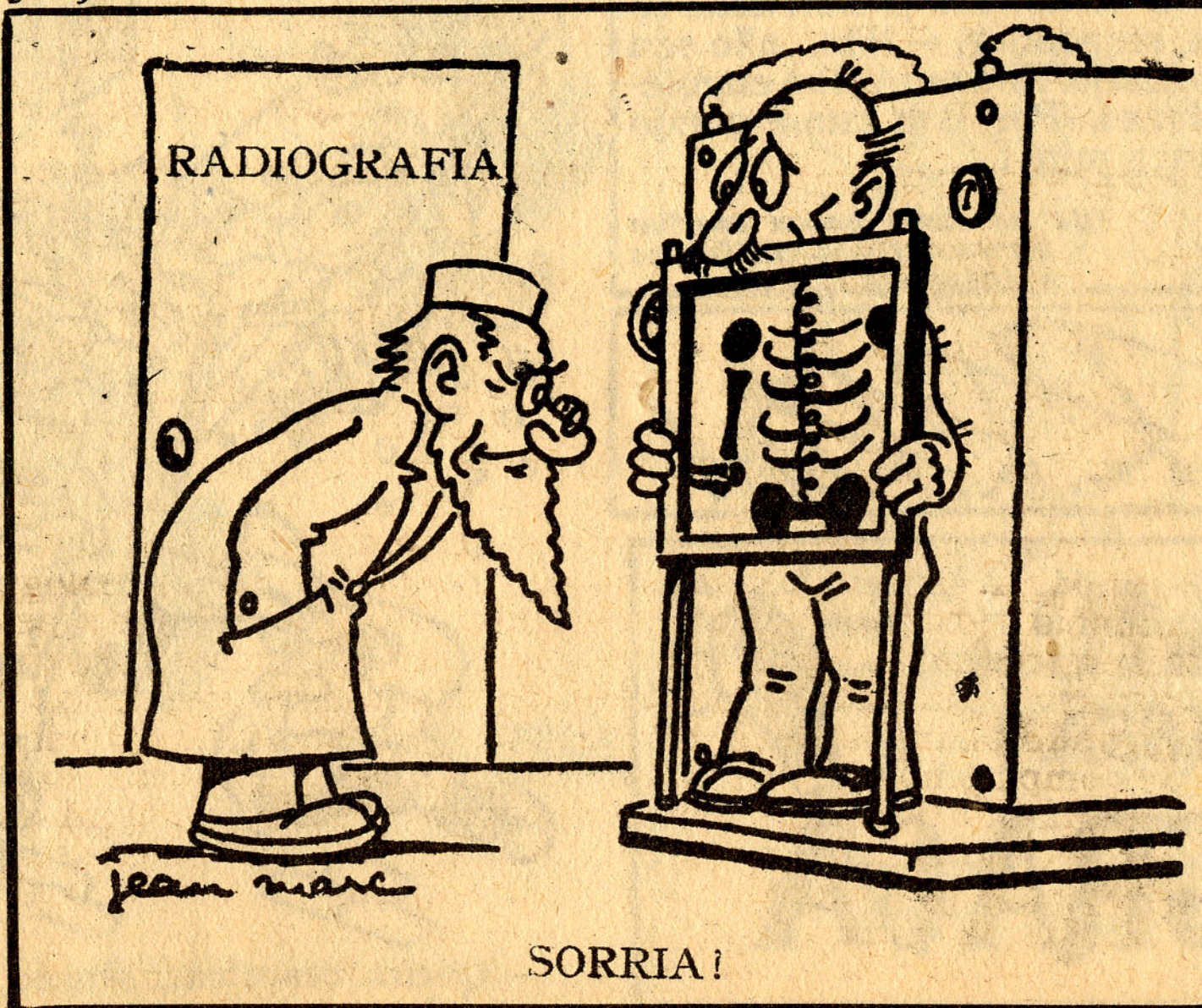
Amor século vinte será publicado em breve.

Alfredo Abreu (Aveiro) — «Atribulações do Gois» é muito comprido. Cumprimentos.

Zé do Vouga (Agueda) — Os «ecos» cá ecoarão na primeira altura. Lá receberá os «Risos» conforme nos pede.

Alberto Manuel Bragança Queiroz (Porto) — Agradecemos as suas palavras e... desejamos «Boas-festas». A sua laracha virá na secção respectiva do respectivo dia em que houver um respectivo espaço. As nossas saudações.

Felizardo (Barreiro) — A sua máquina de escrever faz muitos erros de ortografia. O seu Felizardo é capaz de escrever à mão, para a outra vez?



## A 4.ª COLUNA

1

Ha uns certos passageiros de «eléctrico» que contraíram o mau hábito de cuspir para fora das janelas do carro com este em movimento.

Não terão esses senhores um pouco de bom senso para verem que a cara dos outros passageiros se não assemelha a um escarrador?

2

Tem-se notado ultimamente mais do que nunca, que nas diversas artérias da capital onde há buracos aqui e acolá, são as que, de igual modo, se apresentam às escuras pela noite adiante.

De facto para que necessitariam os buracos de ter electricidade!

3

Depois que safu a postura proibindo as «madamas» de, nas casas de espectáculo, conservarem o chapéu na cabeça, estas — que parecem ter reunido concílio — aparecem-nos hoje, nos cinemas e teatros com uns penteados tão altos e irritantes que nos dificulta a observação da cena. E o que mete mais raiva é que não pode sair uma lei para estas senhoras raparem o cabelo à escovinha...

4

No fim de contas com os novos encurtamentos que a Carris fez, só se vê um eléctrico a olho nu de meia em meia hora e mesmo assim apinhado!

Parece que o melhor é deixar aquilo como estava anteriormente. Mal por mal...

ASSINE **Riso**  
13 NUMEROS 13,00

**RISO MUNDIAL**

Redacção e Administração (Provisórias): RUA DA MISERICÓRDIA, 14 — LISBOA \* Composição e impressão da SOCIEDADE TIPOGRÁFICA PRIMOROSA, LDT., Rua do Diário de Notícias, 132-Telefone 21689 \* Distribuidores: AGÊNCIA ARGOS Rua da Assunção, 42, 2.º Telefone 20925 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para o Travesso de S. Pedro, 9, r/c. — LISBOA

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**





— Que devo fazer? Se estou, onde posso alcançar a bola, não a vejo; se estou, onde posso ve-la, não a alcanço!...

## O CARPINTEIRO

O senhor Bartolo metera nas mãos de seu filho Pepi, que contava 5 anos, uma serra de rodear, um martelo e um pedaço de madeira, antevendo, já, talvez por princípios de cartonância ou quem sabe se de imbelilidade, a sua vocação para carpinteiro.

Realmente o pequeno tinha muito jeito!

A família Bartolo reuniu-se uma tarde, na ampla sala de jantar, para apreciar o que aquele fedelho de 5 anos poderia fazer daqueles instrumentos.

Pepi olhou em roda, com cara de pasmo e pegou na serra.

O papá sorriu enlevado enquanto os espectadores; o avô, a avó, o tio, a tia, o primo, a prima, o sogro do papá e a sogra do papá, o cunhado e a cunhada, o compadre e a comadre se babaram de gosto por aquele parentezinho tão esperto.

— Que jeito para pegar na serra — diziam.

— Reparem em como ele pega na madeira.

— Que encanto!

E mais imbecilidades foram ditas em tão curto espaço de tempo.

Pepi, entretanto, pegou na madeira.

Um silêncio supuleral. O papá olhava para o pasmo da assistência, importante na sua sobrecasaca que envargara para a sessão.

Pepi ergueu a serra. Agitou a madeira. Olhou em roda, pareceu sorrir.

Então, o fedelho de 5 anos, poison a serra, atirou a madeira de encontro à cabeça luzidia de seu tio e — ante o pasmo de toda a família — Pepi sentou-se no chão e meteu o dedo no nariz.

Como era artista aquela criança de 5 anos!

F. S. (S. F.)

## PARA SI, MINHA SENHORA

# Todas as leitoras de "Riso Mundial" ficam terminantemente proibidas de se apaixonarem pelos homens...

Por ROUSSADO PINTO

...que as acompanham a casa à meia-noite e se limitam a dizer adeus.

...que lhes cortam uma madeixa de cabelo e a guardam a um canto da carteira, romanticamente.

...que só conhecem um limitado repertório de frases amorosas, e, estão constantemente a repeti-los: «Amo-te!»; «Desde o primeiro dia que te vi...»; «E's a minha vida!»; «Como o meu coração sofre por ti»; «Jura-me que sou o primeiro que te beija», etc., etc..

...que usam perfume violeta.

...que falam mal dos próprios amigos, para evitar que as leitoras se interessem por algum deles.

...que sabem mover as orelhas.

...que não se interessam pelo vosso passado.

...que não resistem a quatro horas de conversação telefónica.

...que dizem sempre, com ar superior: «Não quero discutir contigo».

...que levam sempre a mesma gravata.

...que no dia do vosso aniversário vos impingem um soneto escrito por ele próprio.

...que suportam resignadamente que lhe chamem estúpido.

...que não criticam a vossa melhor amiga.

...que ao sentarem-se convosco no jardim, quase se estendem no banco, dando um espectáculo ridículo, e vos dizem babosamente: «Adoro-te!».

...que interrompem os elo-

gios ao matrimónio e começam a fazer alusões ao tempo,

...que não reparam no lindão vestido que compraram.

...que as tratam com ar paternal e sorriem com benevolência, quando espõem as suas ideias.

...que se ruborizam quando são apresentados a alguma senhora.

...que dizem desprezar o dinheiro, simplesmente, porque o não têm.

...que levam na lapela um emblema duma fábrica de lampadas ou sabões.

...que confessem serem as leitoras o primeiro amor.

...que nunca têm uma história para contar.

...que se envaidecem por não terem nenhum vício.

...que não lêem o RISO MUNDIAL.

### O EMPALADO

O verdugo — E' a primeira vez que isto sucede!

O Juiz — Estamos encharcados de suor (em voz baixa, ao verdugo) tratarei de assustar o condenado (em voz alta, ao empalado). Está zombando da Justiça? Sabe que um condenado à morte, que teima em não morrer, pode ser condenado a prisão perpetua?

O verdugo — Ele continua sorrindo! Será este homem o diabo?!

O condenado (resolvendo-se a responder) — Não, não sou o diabo. Sou um velho engole-facas. Por isso isto é queijo para mim!

(de os mais belos contos humorísticos, satíricos e faccosos)

R. R. Riso!

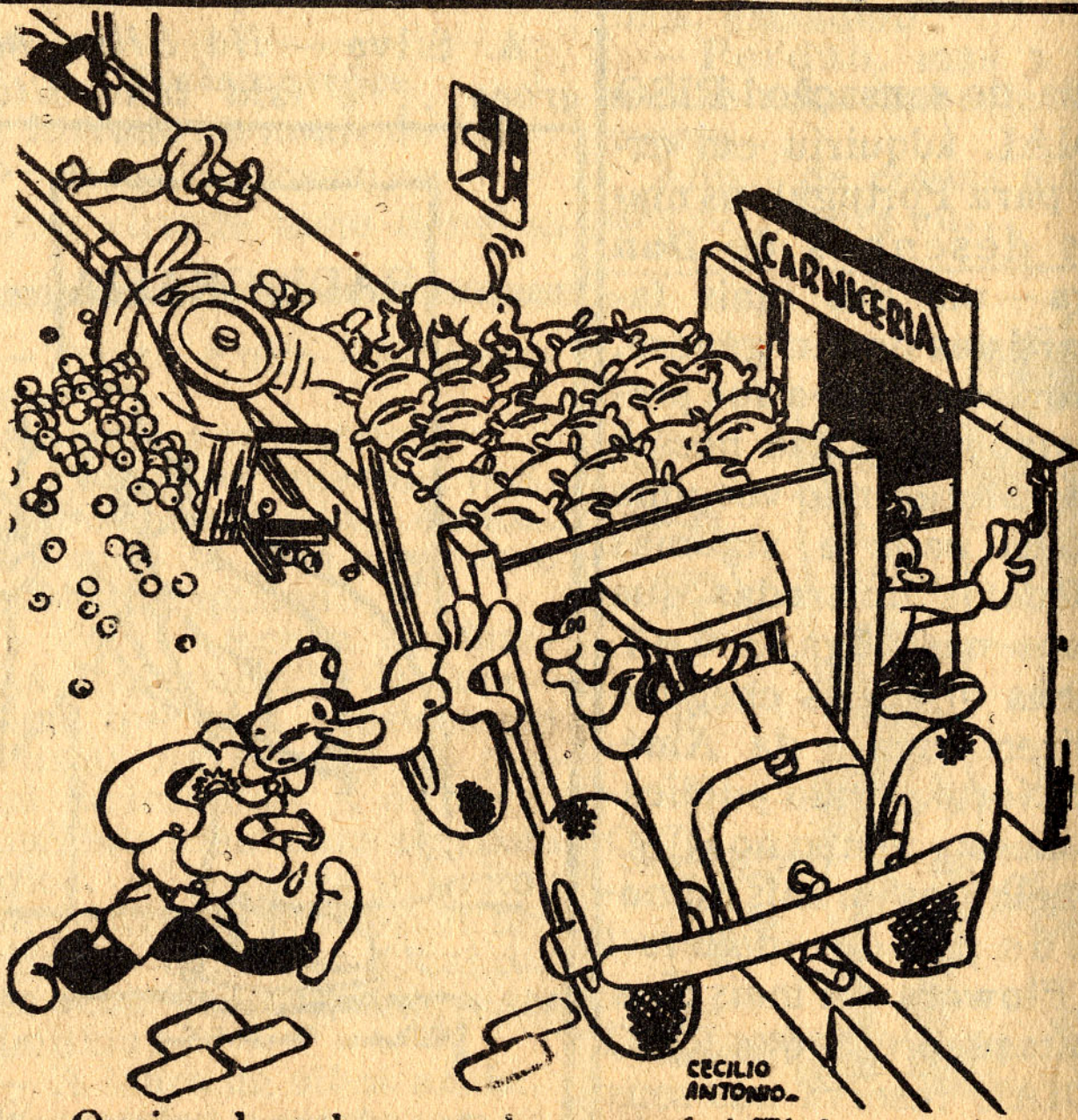
### CONTINUAÇÕES ...

\* \* \*

Quando à noite regressou a casa jurou solenemente que nunca mais iria à Baixa. Aquela gente era toda doida! Então, no fim de lhe oferecerem tantos presentes não o iam matando com tantos abraços e cumprimentos!

### BARTOLOMEU FOI À BAIXA

direito. Em poucos segundos ele tinha os bolsos cheios e uma bicha de vendedores ambulantes atrás dele a reclamarem o dinheiro. Contudo ele ouvia aquele barulho como uma ovação e se guia muito contente por ser tão querido do público.



— Queira desculpar, senhor guarda! Tinha a impressão que vinha na «minha mão»...

OIÇA ÀS 9H10M  
A NOSSA EMISSÃO  
NO RADIO GRACA



# GERAL... RESERVADA

Ainda não há muito tempo, quando do centenário de Eça de Queiroz, falou-se e escreveu-se muito sobre a feitura de alguns filmes, ex raídos dos livros do imortal romancista.

Por essa alta a o entusiasmo foi geral, apareceram alguns projectos, falou-se, discutiu-se, porém, não passou de fantasia — dessa fantasia tão pura de que o Cinema Nacional anda repleto. E os referidos filmes foram esquecidos!

Com a falta que temos de bons argumentos, abandonamos os que estão «à mão» e vamos repetir sempre as mesmas geringonças.

Realmente, era melhor que se pensasse nisso, a sério, pois as obras daquele escritor, prestar-se-iam, às mil maravilhas, para engulhar os estafados argumentos «Wolliwodescos»!

Ultimamente, todas as revelações do nosso teatro ligeiro, não saíram — elas nunca lá entraram! — do conservatório! Afinal, para que serve esta casa de estudo?... Será para ensinar os carpinteiros de cena?!...

Rádio Graça fez num dos anteriores domingos a primeira gravação em fio de aço, que na segunda-feira seguinte, dia 20, correu para todos os ouvintes. Mais uma vitória conseguiu. Mais um passo no caminho de lutas e sacrifícios que entabou desde o seu início. Os nossos sinceros parabéns.

O Coliseu continua a oferecer-nos a opereta «Bocácio» que proporciona ao público um bom «Bocá... do», como espectáculo surpreendente de arrojado cénico.

Na primeira estação emissora do país, estreou-se, num dos últimos programas de variedades, uma rapariga de nome Maria de Portugal. Os nossos parabéns! No entanto, cantou em espanhol e... os nossos sentimentos! Um conselho, Maria de Portugal: cante em português e não nos faça julgar que é Maria de Espanha (?).

Quando se convencem os capitalistas de que o cinema é um negócio rendoso?

Só assim acabará a produção dos famigerados luso-espanhóis, que o nosso público... adora!

Porque será que Piero não aproveita Humberto Madeira para «compêre»?

R. P. & F. A. C.

# ESQUELETOS NO AR

## ESQUELETO VII



— Estou pronto a estender a mangueira!

— Quem é? . . . . .

Mais um boneco que sai... — e o concurso continua triunfante na sua carreira brilhante (até rima!). Os prémios vão aparecendo. A semana passada demos a conhecer o

**1.º Prémio — 1.000\$00**

Hoje,

**2.º Prémio — 750\$00**

Ninguém perca a oportunidade de ganhar estas «massas». Os prémios são ás dezenas: Não esqueça que pode ganhar

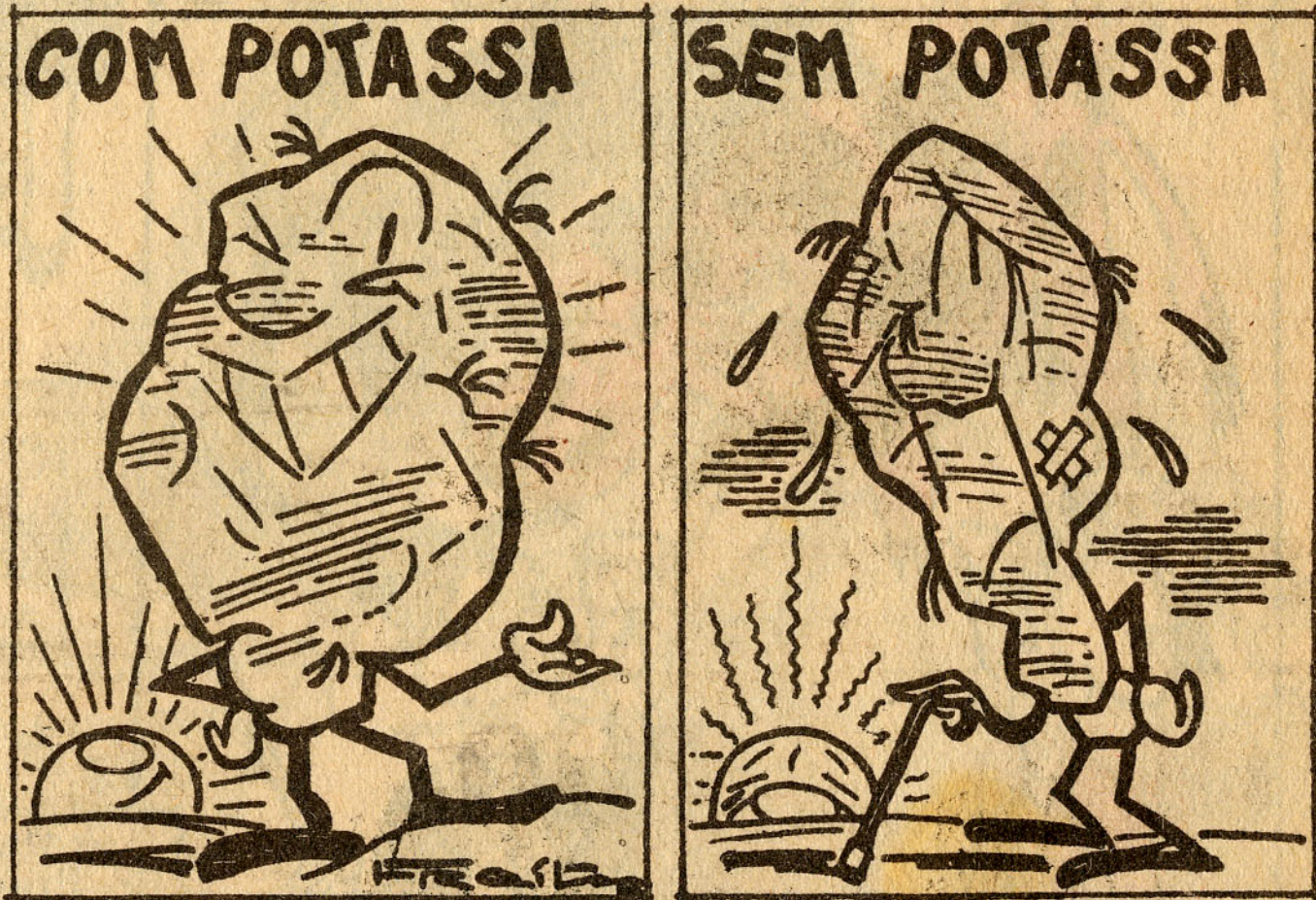
**1.000\$00 ou 750\$00**

Aceitam-se pedidos de cadernetas.



— Irra que é cego!... Não via que quase chocava comigo?!

O Cloreto de Potássio é a vitamina «P» da batata. Ei-la à direita sem o fertilizante e à esquerda imensamente satisfeita, vendendo saúde, porque lhe deram POTASSA!



**ADUBOS POTASSICOS**

propaganda e informações

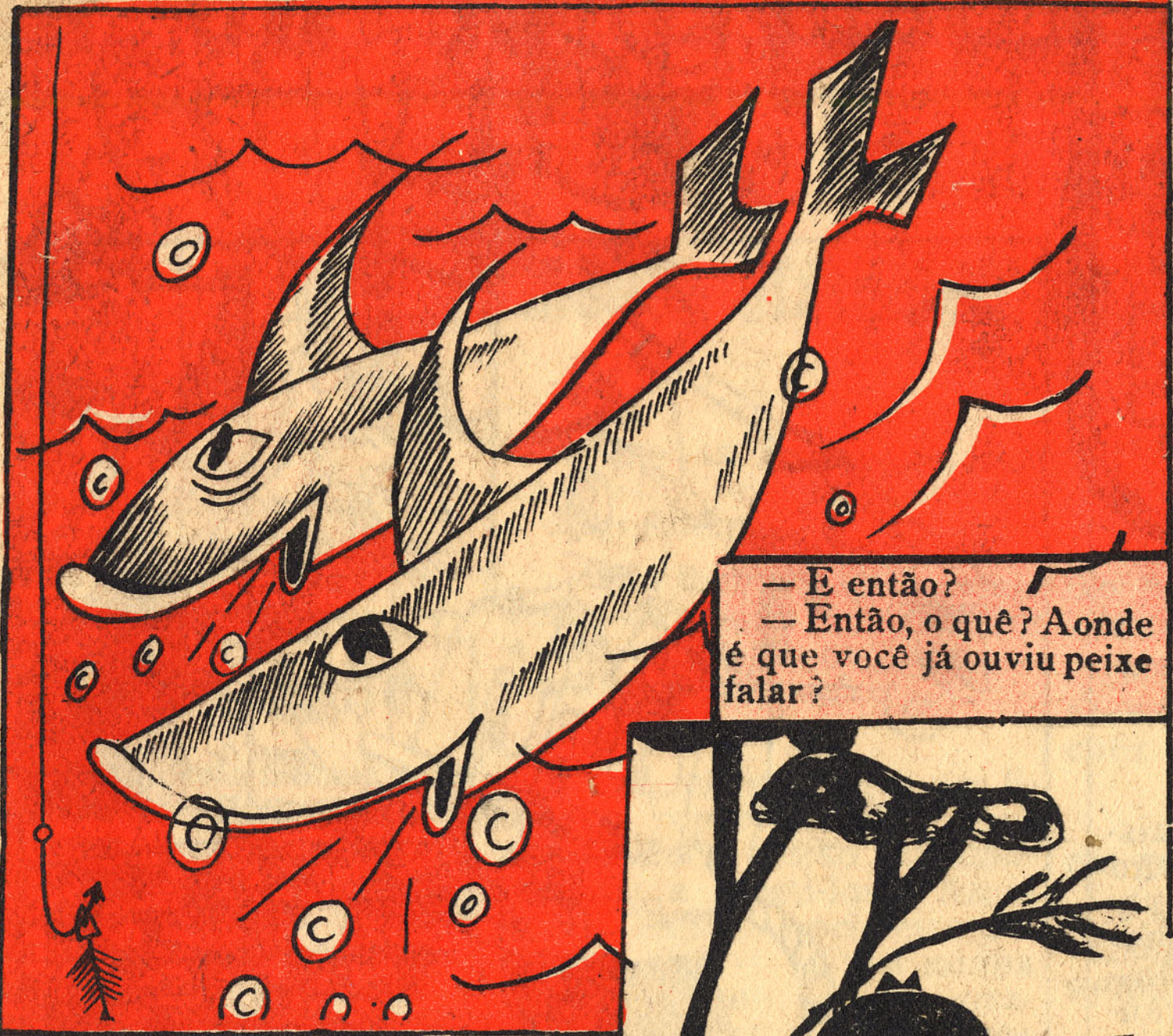
LISBOA — Avenida da Liberdade, 3-2.º P. 8  
PORTO — Rua Rodrigues Sampaio, 194-2.º



OS NOSSOS DESENHADORES

MÁRIO NORTON

RIGOROSO EXCLUSIVO DE «RISO MUNDIAL»

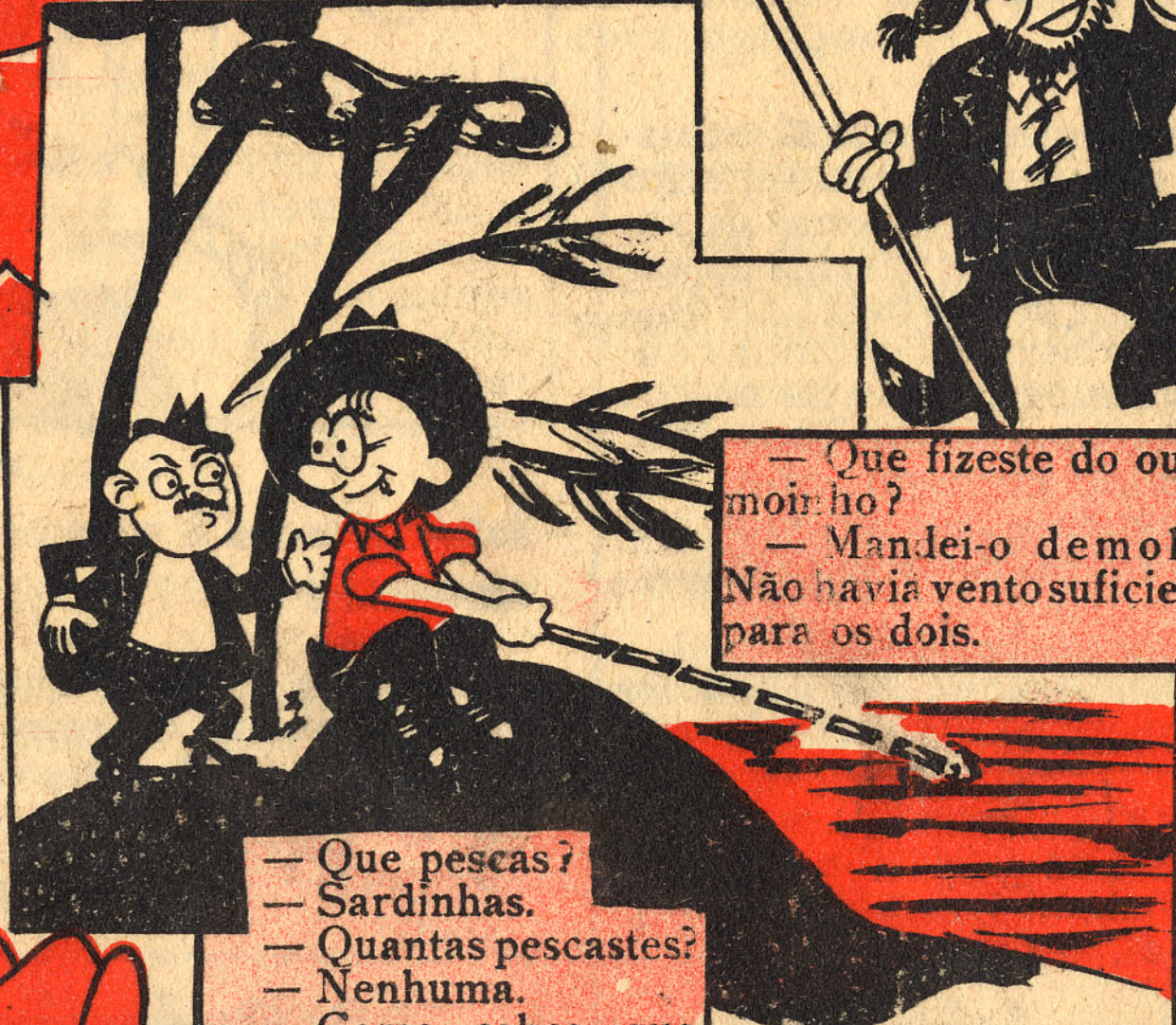
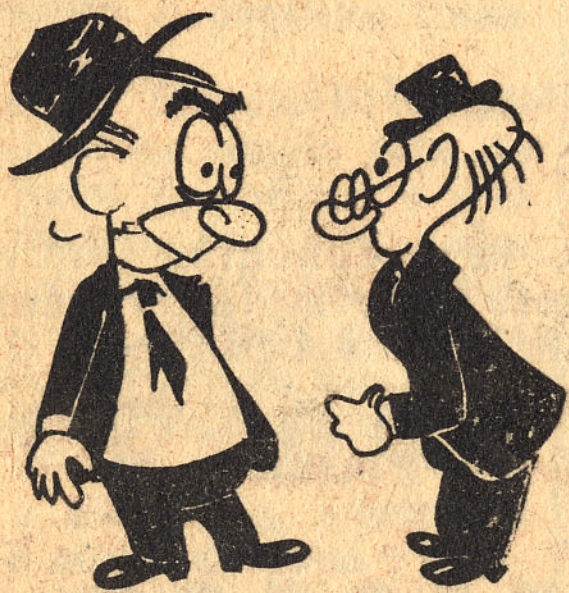


— E então?  
— Então, o quê? Aonde é que você já ouviu peixe falar?



— Que fizeste do outro moirinho?  
— Mande-o demolir. Não havia vento suficiente para os dois.

— A carta é confidencial, menina Odete, mas não é preciso tanto...



— Que pescas?  
— Sardinhas.  
— Quantas pescastes?  
— Nenhuma.  
— Como sabes que são sardinhas?

— Que peixe grande, meu filho!...  
— Isto não é nada, comparado com o que o pai enguliu.



— A vaca está a comer o jornal?!  
— Não se preocupe. Ela de vez em quando faz um pouco de pasto espiritual.



— Venho devolver-lhe este livro. E' da sétima edição e eu ainda não li a primeira...

— Mas é impossível que lhe fizesse mal este leite?  
— Sim senhor. E' que estou acostumado ao de Lisboa.

